

Ethel V. Kosminsky
Universidade Estadual Paulista, campus de Marília

Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero

Resumo: Este artigo se propõe a fazer um balanço de uma das primeiras pesquisas etnográficas realizadas no Brasil sobre imigração, fundamentada na teoria da aculturação, com o intuito de verificar qual a contribuição desse tipo de pesquisa para o crescimento de uma etnografia feminista, que tem gênero como categoria central de seus trabalhos. Referimo-nos ao livro *Italianos no mundo rural paulista*, de João Baptista Borges Pereira. Através da análise dessa obra, discutiremos a viabilidade teórico-metodológica do emprego da categoria "gênero", buscando contribuir para o enriquecimento da etnografia feminista nos estudos migratórios internacionais.

Palavras-chave: etnografia feminista; gênero; aculturação; migrações internacionais.

Copyright © 2007 by Revista Estudos Feministas.

Introdução

Mais de 30 anos separam o livro pioneiro de Emilio Willems, *A aculturação dos alemães no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1946¹, da obra *Italianos no mundo rural paulista*, de autoria de João Baptista Borges Pereira.² Ambas as pesquisas têm como fundamento a teoria da aculturação, ambas são pesquisas qualitativas e etnográficas. No entanto, como veremos ao longo deste artigo cada uma mantém a sua especificidade.³

Pretendemos aqui, através da análise do último trabalho, verificar a contribuição desse tipo de pesquisa para os estudos de gênero na área das migrações internacionais e, ao mesmo tempo, colaborar para a construção de uma etnografia feminista dos estudos migratórios internacionais.⁴

¹ WILLEMS, 1980.

² BORGES PEREIRA, 1974.

³ Este artigo faz parte da pesquisa "Mapeamento e análise das relações de gênero em fluxos migratórios internacionais para o Brasil (séculos XIX e XX) e do Brasil (século XX)" (CNPq).

⁴ Nossos agradecimentos aos/às pareceristas pelos seus comentários e sugestões.

A teoria da aculturação e a pesquisa etnográfica

A coleta dos dados empíricos para *A aculturação dos alemães no Brasil* foi realizada entre 1931 e 1935. O autor pretendia retomar as pesquisas de campo, na década de 1940, mas diante do “clima político interno”, isso não foi possível.⁵ Pretendia também aprofundar as investigações históricas, mas devido à II Guerra Mundial não pode recorrer aos arquivos europeus, restringindo-se às coleções do Instituto Hans Staden, em São Paulo.⁶ A obra foi finalmente publicada em 1946, no final da guerra. A época histórica da confecção de uma pesquisa é, geralmente, elemento constitutivo desta, quaisquer que sejam os assuntos tratados e, mais ainda, quando se trata de temas que envolvam a aculturação e a assimilação de imigrantes em sociedades marcadas por exacerbados sentimentos nacionalistas, como naquele período.

Nos Estados Unidos, durante a chamada *Progressive Era*, entre o final de 1890 e a I Guerra Mundial, muitos americanos viam a imigração como um problema. Em muitas cidades, a maioria da população era constituída por imigrantes ou por seus filhos, tão imenso foi o fluxo migratório para esse país. Alguns americanos sentiam que a identidade cultural, religiosa e racial do seu país estava ameaçada. Os imigrantes eram em grande parte trabalhadores e, para a população nativa, relacionados com o sindicalismo e o radicalismo. Sendo muitos deles pobres, eram associados com o crime e com o “desajustamento social”, especialmente, com a “desorganização” da família. Ao mesmo tempo, reformistas e intelectuais procuravam entender as rápidas mudanças da classe trabalhadora e o imigrante urbano e pobre. É nesse contexto que surgiu uma nova disciplina, a Sociologia, na Universidade de Chicago. E a obra fundamental da sociologia daquela época foi *The Polish Peasant in Europe and America*, de autoria de William Thomas e Florian Znaniecki, publicada em cinco volumes entre 1918 e 1920, e cuja influência é sentida até os dias de hoje.⁷

The Polish Peasant in Europe and America foi um dos primeiros trabalhos a estudar a cultura e a organização social dos imigrantes. Não somente os autores apontaram para a contribuição potencial dos imigrantes para a cultura americana, como também tentaram entender a própria cultura dos imigrantes. Thomas e Znaniecki fizeram uso de um novo método de investigação, *the life study method*, que poderemos traduzir como o método da história de vida. Essas histórias de vida foram obtidas através das narrativas dos imigrantes ou das suas próprias cartas. Além disso, essa

⁵ De 1937 a 1945, o Brasil viveu sob a ditadura do Estado Novo, tendo, como aliado dos Estados Unidos, entrado na guerra contra o Japão e a Alemanha. Durante esse período de nacionalismo exacerbado, os imigrantes alemães, japoneses, italianos e seus descendentes foram perseguidos. Diferentemente dos Estados Unidos, segundo Willems, essa situação não impulsionou os estudos de aculturação no Brasil e, sim, impediu completamente qualquer pesquisa de campo (WILLEMS, 1980, p. XI).

⁶ WILLEMS, 1980, p. XIX.

⁷ Eli ZARETSKY, 1996, p. IX-X. Tradução livre do texto.

⁸ Eli ZARETSKY, 1996, p. X.

obra compreendeu a primeira abordagem da emigração européia, levando em consideração os dois contextos, a Polônia e os Estados Unidos.⁸

⁹ Itálico e aspas dos autores.

De acordo com Thomas e Znaniecki, se os poloneses nos Estados Unidos não fossem encarados do ponto de vista dos interesses poloneses ou americanos e, sim, da perspectiva de uma investigação sociológica objetiva, o então problema da assimilação individual teria sido uma questão completamente sem importância. O processo fundamental, para os autores, era *a formação de uma nova sociedade polonesa-americana a partir dos fragmentos da sociedade polonesa incluídos na sociedade americana*. Essa sociedade polonesa-americana como um todo tendia, aos poucos, a passar do polonismo para o americanismo, como os seus membros demonstraram, principalmente, na segunda geração que cada vez mais adquiria atitudes americanas. Porém, essa “assimilação” não foi individual e sim um fenômeno de grupo.⁹ O indivíduo não estava isolado no meio de um grupo culturalmente diferente; ele era parte de um grupo homogêneo em contato com uma civilização que influenciava em vários graus todos os seus membros. O objetivo da investigação compreendeu, portanto, o estudo da criação de uma sociedade cujas estrutura e atitudes dos seus membros não eram nem polonesas nem americanas, mas constituíam um produto novo, específico, cuja matéria-prima foi em parte derivada de tradições polonesas e, em parte, das novas condições em que o imigrante vivia e dos valores sociais americanos como os imigrantes os viam e os interpretavam. Era essa sociedade polonesa-americana, não a sociedade americana, que constituiu o meio social no qual o imigrante se incorporou quando veio da Polônia e a cujos padrões e instituições ele precisou se adaptar.¹⁰

¹⁰ THOMAS e ZNANIECKI, 1918-1920, v. 5, p. x-xiii, 27-93 *passim*, apud ZARETSKY, 1996, p. 107-108.

¹¹ WILLEMS, 1980.

¹² PEREIRA DE QUEIROZ, 1983.

Thomas e Znaniecki influenciaram também a Sociologia e a Antropologia brasileiras. Assim, ao discutir o conceito de aculturação, Willems¹¹ partiu das colocações desses autores a respeito de atitudes e valores e a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz¹² fez uso da história de vida, ao mesmo tempo que divulgou esse procedimento de pesquisa na academia. Como estamos tratando de aculturação, nos restringiremos a esse conceito e ao seu uso por Willems e por Borges Pereira. Segundo Willems,

¹³ THOMAS e ZNANIECKI, 1918-1920, v. I, p. 44, apud WILLEMS, 1980, p. 20.

Thomas e Znaniecki reconheceram que, na combinação de atitudes e valores (pela integração destes na personalidade), as atitudes representam o “elemento subjetivo” e os valores a “contraparte objetiva”¹³ da cultura. Na definição com que caracterizamos o processo de assimilação, o conceito de mudança cultural já está implicitamente contido, pois

a substituição de atitudes-valores denota que certos elementos da cultura originária perdem o significado específico, deixando de ser valores. [...] Quem se assimila perde e adquire cultura, mas o processo de perda e aquisição é sócio-psíquico [...]. É possível, no entanto, analisar esta forma de mudança social e cultural, adotando um ângulo de vista diferente. Concebendo uma cultura como sistema de valores, isto é, como sistema de padrões de comportamento, idéias e conhecimentos que adquiriram significados específicos para um grupo humano, as mudanças que esse sistema sofrer poderão ser observadas e descritas sem que se recorra, necessariamente, à análise dos processos sócio-psíquicos chamados assimilação. [...] Embora se saiba que transformações [...] são condicionadas a processos sócio-psíquicos, é possível abstrair-se destes por *razões metodológicas* e estudar, isoladamente, os aspectos meramente culturais. Chegamos assim ao conceito de *aculturação* que compreenderia "os fenômenos resultantes do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas, e as subseqüentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos".¹⁴ Com relação a esta conceituação bastante ampla, a assimilação parece ser um conceito *subordinativo*, pois os mesmos autores a consideram "uma fase da aculturação".¹⁵ Uma vez que *toda* transmissão de dados culturais através de contatos sociais diretos e contínuos afeta *as atitudes das personalidades* atingidas, está claro que aculturação e assimilação são conceitos coordenativos, correlativos e completivos. Ambos são aspectos do mesmo processo: a assimilação é o seu aspecto "subjutivo" porque envolve a personalidade, a aculturação lhe representa o aspecto "objetivo" porque afeta os valores culturais. Ambas são comparáveis ao anverso e reverso da mesma medalha. À vista disso parece necessário restringir o conceito de aculturação às *mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabelecerem contatos diretos e contínuos*.¹⁶

¹⁴ Robert REDFIELD, Ralph LINTON e Melville HERSKOVITS, 1936, p. 366-370, apud WILLEMS, 1980, p. 21.

¹⁵ REDFIELD, LINTON e HERSKOVITS, 1936, p. 366, apud WILLEMS, 1980, p. 21.

¹⁶ WILLEMS, 1980, p. 20-21. Aspas e grifos do autor.

¹⁷ MAHLER e PESSAR, 2006.

De acordo com Sarah J. Mahler e Patricia R. Pessar,¹⁷ *The Polish Peasant in Europe and America* também contribuiu para a pesquisa etnográfica, que passou então a ocupar um lugar importante dentro dos estudos imigratórios, iniciados de forma sistemática na Universidade de Chicago. Essa obra ganhou importância mundial não somente por tratar da temática da imigração em um momento crucial da sociedade norte-americana, mas também pela pesquisa etnográfica realizada.

Em primeiro lugar a etnografia compreende a observação participante e a coleta de entrevistas em profundidade, ao longo de meses e até mesmo de anos de trabalho

¹⁸ MAHLER e PESSAR, 2006, p. 30.

¹⁹ Anteriormente à USP, Borges Pereira foi durante três anos professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, atual UNESP-Presidente Prudente. Ele informa que esse período foi muito útil para o desenvolvimento da pesquisa, pois lhe possibilitou um prolongado contato com a região (BORGES PEREIRA, 1974, p.10).

²⁰ Ruy COELHO, 1974, p. XVII.

²¹ COELHO, 1974, p. XVI.

²² Michael BURAWOY, 1991, p. 10-11.

²³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 1.

²⁴ É a metodologia que vai proporcionar a ligação entre a técnica e a teoria. Ela trabalha com caminhos de utilização da técnica para o avanço da teoria. Se a técnica trata dos instrumentos e das estratégias para a coleta de dados, então a metodologia se preocupa com o relacionamento recíproco entre os dados e a teoria (BURAWOY, 1991, p. 271).

²⁵ BORGES PEREIRA, 1974, p. 1-2.

²⁶ REDFIELD, LINTON e HERSKOVITS, 1936, p. 149-152, apud BORGES PEREIRA, 1974, p. 6, nota 9. Apesar de termos tido acesso aos textos originais em inglês, citados por Borges Pereira, preferimos conservar a sua tradução.

²⁷ WILLEMS, 1980.

de campo, por um único etnógrafo ou por uma pequena equipe chefiada por um etnógrafo. Embora, segundo Mahler e Pessar, essa abordagem intensiva limite o número de pessoas investigadas, ela tem a virtude de capturar em profundidade as experiências vividas, as crenças e as identidades dos sujeitos da pesquisa. A etnografia, dessa forma, enfatiza a abordagem holística e contextual que é útil para o entendimento de conceitos complexos e de práticas tais como as relações entre homens e mulheres.¹⁸

A escolha do livro de João Baptista Borges Pereira, professor de Antropologia da Universidade de São Paulo,¹⁹ deve-se ao fato de que o autor “segue nas trilhas abertas por Roger Bastide, Emilio Willems e Egon Schaden”, ou seja, ele busca “consolidar e expandir segundo moldes consagrados a herança que recebemos de outras gerações”²⁰. Essa herança seria a pesquisa empírica, construída a partir da observação sistemática, e não a construção de um certo conhecimento advindo da elaboração de “modelos e esquemas abstratos, derivados de postulados apriorísticos”, nos quais o fato empírico é reduzido a uma simples ilustração.²¹

Certamente isso não significa que a teoria apareça espontaneamente dos dados de campo. A teoria precisa ser adequada aos dados e a sua escolha está relacionada aos valores e interesses do pesquisador. A partir da troca entre a análise dos dados de campo e a teoria existente é que poderemos então reconstruir, repensar a teoria.²² Assim, logo no capítulo I de *Italianos no mundo rural paulista*, Borges Pereira esclarece o objetivo do trabalho: a análise do “processo de integração de um grupo étnico adventício, dentro da sub-expressão da realidade brasileira”.²³ A opção metodológica²⁴ por processo em detrimento de estudo de comunidade é justificada pela não-representatividade da unidade escolhida para estudo e pela falta de interesse em proceder à “análise exaustiva de todas as manifestações da vida comunitária”. A escolha da categoria “grupo étnico” em substituição à expressão “grupo italiano” deve-se ao objetivo da pesquisa: “conhecer os fenômenos desencadeados pelo contato de dois grupos etnicamente diferentes”, e não a caracterização “dos elementos culturais do grupo adventício”.²⁵

O trabalho tem como suporte a teoria da aculturação e a sua fonte bibliográfica principal compreende as obras dos antropólogos norte-americanos Robert Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits, principalmente o artigo elaborado em conjunto, “A Memorandum for the Study of Acculturation”,²⁶ cujo conceito de aculturação consta também da obra de Willems.²⁷ Rebatendo as críticas de autores brasileiros de então, que apontavam para “o caráter

²⁸ SCHADEN, 1969, apud BORGES PEREIRA, 1974, p. 6-7.

²⁹ BARNETT, BROOM, SIEGEL, VOGT e WATSON, 1954.

³⁰ BORGES PEREIRA, 1974, p. 8-9.

³¹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 1. Não encontramos informações no livro sobre a data do término da pesquisa, entendida aqui como coleta do material. O ano de 1963 compreende o ano do seu início. As tabelas apresentadas no final da obra, cap. XVII, Anexos, apresentam dados de 1952 e 1966. Possivelmente, o levantamento deve ter sido concluído em 1966.

excessivamente culturalista”, e apoiando-se na obra de Egon Schaden, antropólogo brasileiro, Borges Pereira esclarece: “ainda que partindo do universo cultural, [o antropólogo] necessariamente não perde de vista, nem o arcabouço social, nem o substrato humano correspondentes”.²⁸

Buscando operacionalizar a mudança aculturativa, Borges Pereira orienta a investigação de acordo com a dinâmica proposta pelos antropólogos norte-americanos Homer Barnett, Leonard Broom, Bernard Siegel, Evon Vogt e James Watson: “como adaptação seletiva de sistemas de valores; como processos de integração e diferenciação; como geração de seqüências de desenvolvimento; como resultantes de atuação de determinantes ligadas a papéis e a fatores de personalidade”.²⁹ Conceitos adicionais podem ser utilizados, dependendo dos diversos processos relacionados à aculturação: difusão, processos ligados à transmissão cultural; criatividade cultural, pois “a aculturação, particularmente quando não é forçada, é essencialmente criadora”; desintegração e reintegração cultural; adaptação reativa. “Num segundo momento de reflexão, outra linha conceptual busca apreender os resultados do processo aculturativo, em termos de ajustamento progressivo (fusão e assimilação) à nova realidade e de pluralismo estabilizado”.³⁰

Italianos no mundo rural paulista e a colônia de Pedrinhas

A pesquisa foi efetuada em Pedrinhas, “núcleo colonial formado por imigrantes italianos de pós-guerra, situado na Alta Sorocabana, à margem paulista do Rio Paranapanema, a 550 quilômetros da Cidade de São Paulo, a partir de 1963”.³¹ No capítulo II, “A formação de um grupo migrante”, o autor descreve a Itália como um país de emigração, focalizando o período que precedeu o fluxo para Pedrinhas. Naquela época, logo após a II Guerra Mundial, emergia a chamada Guerra Fria – de um lado os países liderados pelos Estados Unidos e, do outro, aqueles chefiados pela URSS. Essa competição entre as duas potências e seus aliados levou à adoção, pelos Estados Unidos, de um grande plano de assistência técnico-financeira “para a reconstrução e reerguimento das áreas afetadas” pela guerra:

Em termos emigratórios, a ajuda americana significou financiamento, que veio propiciar a elaboração e execução de planos, tendo como objetivo a redistribuição, para diferentes partes do mundo ocidental, daquele resíduo populacional à busca de reintegração sócio-econômica. Com esta medida,

esperava-se aliviar os focos de tensão e de eventuais conflitos decorrentes dessas condições anormais. Em suma, os fatores gerados pela Segunda Guerra Mundial estimularam e enriqueceram o clássico mecanismo de expulsão de excedentes populacionais.³²

³² BORGES PEREIRA, 1974, p. 16.

Entre 1949 e 1950, o Economic Cooperation Administration (ECA), “pelo seu programa de assistência técnica ao exterior, consignou a importância de 1.300.000 dólares para auxiliar a iniciativa italiana ligada ao fomento da emigração agrícola”.³³ Órgãos do governo italiano delegaram ao Instituto Nazionale di Credito per il Lavoro Italiano all’Estero (ICLE) a criação de um programa para a utilização dessa quantia. Esse programa contou com o apoio do Instituto Agronomico per A.I. (Instituto Agrônomo para a África Italiana). O fracasso da África Italiana, da época de Mussolini, renovou o interesse pela América do Sul, que datava do período da chamada migração em massa (1880-1930, aproximadamente). A primeira missão de reconhecimento chegou ao Brasil em 1949, e a segunda, em 1950, incluiu, além do Brasil, outros países da América do Sul. Após levantamentos realizados no estado de São Paulo, decidiu-se pela instalação de uma colônia na região da Alta Sorocabana. A escolha

³³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 17.

recaiu sobre uma gleba de terras – Pedrinhas – de 3.565 ha., localizada na bacia do Rio Paranapanema, na direção sudoeste do planalto paulista. Desbravada na altura de 1922, esta área, constituída em 1950 de catuze propriedades, entre fazendas e sítios, [...] [situava-se] a apenas 50 quilômetros da cidade de Assis.³⁴

³⁴ BORGES PEREIRA, 1974, p. 19.

A compra de terras e a execução do plano de colonização foram realizadas pela Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana,

empresa constituída no Rio de Janeiro, como sociedade anônima, em 28 de setembro de 1950, com o fim de ‘promover a imigração e colonização italiana no Brasil’. [...] esta instituição surgia como produto também da Segunda Guerra Mundial, compondo assim o elenco de órgãos encarregados de revitalização da emigração italiana de pós-guerra. [...] Surge, assim, a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, com capital formado pelos bens italianos liberados³⁵ e pela subscrição do governo italiano, auxiliado pelo governo americano.³⁶

³⁵ Os bens dos imigrantes italianos tinham sido congelados pelo Brasil durante a Guerra.

³⁶ BORGES PEREIRA, 1974, p. 19-20.

A ocupação da gleba, compreendendo os trabalhos de demarcação dos lotes e as atividades de construção, levou três anos. Em 1963, data do início da pesquisa e 10 anos depois da chegada das famílias, Borges Pereira encontrou o seguinte quadro:

[...] uma área rural dividida em 180 lotes, variando de 20 a 25 ha., a qual circunda totalmente a área urbana, com uma faixa de intermeio – suburbana – onde se localizam o cemitério e os campos de aviação e de futebol. Na parte urbana, com ruas e avenidas que se cruzam em traçados precisos, localiza-se a igreja, o hospital de emergência, os escritórios administrativos do núcleo, o clube, a hospedaria, o banco, as escolas pré-primária, primária e secundária. Completando esta paisagem urbana, e atendendo ao desenvolvimento do núcleo, há, ao lado de casas residenciais, um comércio varejista, que aos poucos se diversifica, e uma indústria incipiente de transformação – máquinas de beneficiar arroz, moinhos de trigo e de fubá, laticínio, etc. *É neste cenário rural-urbano que se distribui a população envolvida no processo de aculturação, que está sendo objeto desta análise.*³⁷

³⁷ BORGES PEREIRA, 1974, p. 20. Grifos nossos.

³⁸ BORGES PEREIRA, 1974, p. 24.

³⁹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 24-25.

Para completar o quadro da colônia, o autor destaca a sua localização próxima da cidade de Assis, um centro urbano dotado de recursos – escolas e faculdade, assistência médico-hospitalar, etc. –, o que “garantiu de antemão à Companhia Colonizadora redução do capital investido no núcleo”. Esse fato levou a comunidade a entrar forçosamente em contato com a sociedade inclusiva, tornando-a uma comunidade “aberta” e criando assim condições que “atuam favoravelmente no processo de aculturação daquele grupo étnico”.³⁸

Além da proximidade de Assis, a escolha da localização do núcleo foi também motivada pela facilidade de obtenção de mão-de-obra: os trabalhadores temporários, migrantes dos estados setentrionais, de “certas áreas matogrossenses, fronteiriças com o Paraguai, o que explica a presença esporádica de paraguaios, e até de índios Terena”. Esses trabalhadores são aproveitados pelos imigrantes italianos para a colheita do algodão.³⁹

Borges Pereira observou que, durante a pesquisa, todos os italianos com os quais entrou em contato admitiam a existência de duas Itálias, a Setentrional e a Meridional, não como conceitos geográficos e, sim, como definições preconceituosas, que se manifestavam em atitudes depreciativas dos indivíduos originários do Norte contra os do Sul. Ele explica as diferenças sócio-econômicas entre as regiões e as dúvidas quanto à adoção dos critérios de seleção dos imigrantes:

[...] condições estruturais adversas, agravadas ultimamente pelo acentuado contraste socioeconômico entre o sul-rural e o norte-industrial, têm transformado as regiões meridionais italianas em áreas de desemprego e de sub-emprego crônico, peculiaridades estas que as condições do pós-guerra tornaram mais

⁴⁰ BORGES PEREIRA, 1974, p. 27. De acordo com o historiador americano Herbert KLEIN, 1989, a maioria dos italianos que entraram no Brasil era procedente do Norte.

⁴¹ O período que abrange a pesquisa compreende os anos de 1952 a 1966, possivelmente. Segundo o autor, a pesquisa teve início em 1963. Em 1953, a colônia dispunha de 41 famílias, e as demais famílias chegaram aos poucos, inclusive durante a pesquisa (BORGES PEREIRA, 1974, p. 4).

⁴² “A fundação da colônia foi marcada com grande festa que se realizou em 21 de setembro de 1952, quando se deu o lançamento da pedra fundamental da Igreja Matriz [...]. Assim nasceu e se implantou a Colônia de Pedrinhas, que, em 13 de novembro de 1952, recebeu o maior grupo de imigrante italiano composto de 28 famílias. [Dados atuais:] População: 2.861 (Censo 2000): homens: 1.444; mulheres: 1.417. Emprego: agricultura: 37,4%; serviços: 31,4%; indústrias: 7,4%; autônomos: 11%. Economia – Essencialmente agrícola, é sustentada basicamente pela cultura de soja e milho, além de um pequeno rebanho leiteiro. O turismo [baseado na exploração de aspectos recriados da cultura italiano-católica] é uma importante atividade econômica que ganha força no município” (Disponível em: <http://www.pedrinhaspaulista.sp.gov.br/omunicipio/aspectosgerais.htm>. Acesso em 2 dez. 2007).

⁴³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 28. Os destaques em itálico são do autor.

⁴⁴ Além das 51 famílias de italianos na área urbana, o autor encontrou 34 famílias de brasileiros. “As famílias urbanas [eram] consideradas oficialmente ‘independentes’” (BORGES PEREIRA, 1974, p. 176, Quadro 2).

⁴⁵ BORGES PEREIRA, 1974, p. 28.

flagrantes. Nada mais aconselhável, portanto, que a transferência da população fosse feita, de preferência, dessa parte do país, como deixam transpirar os depoimentos que focalizam a fase embrionária do grupo. As informações são contraditórias, quando se pretende saber se na escolha dos colonos foi dada prioridade a tais critérios seletivos e se eles foram, de início, adotados e posteriormente abandonados. Um fato, porém, é certo: do total de 143 famílias, 59 vieram de 7 regiões do Norte; 43 vieram de 2 regiões do Centro [...]; as restantes 41 famílias vieram de 6 regiões do Sul.⁴⁰

Essa imigração compreendeu, segundo dados dos arquivos paroquiais e dos registros da Companhia Colonizadora, nos 14 anos abrangidos pela pesquisa,⁴¹ o estabelecimento na área rural de Pedrinhas de 236 *grupos familiares*,⁴² aqui entendidos como o equivalente ao termo *famiglia colonica*, designação empregada pela Companhia Colonizadora, nem sempre sinônimo de “família extensa”, embora tenham sido encontrados numerosos casos de *famiglie coloniche* reunindo “várias famílias nucleares, como decorrência do casamento de seus membros masculinos”. Para a referida Companhia, a “*famiglia colonica* é aquela cujo *capo-famiglia* é o responsável pelo compromisso assumido com a empresa”.⁴³

Borges Pereira informa que, do total dos 236 grupos familiares, cerca de

127 (53%) permaneciam até esta data, no núcleo, enquanto 109 (47%) deixaram, nesse mesmo período, a colônia. Na estimativa dessas mesmas fontes, 14 a 18 *grupos familiares* teriam trocado Pedrinhas por outra parte do Brasil, ao passo que os restantes 90 a 95 *grupos familiares* (80 a 85%) retornaram à Itália. [...] Atualmente, há na zona rural ocupando 169 lotes, ao lado de oito famílias brasileiras e duas nipônicas, 127 *grupos familiares italianos* que, somados às 51 famílias do núcleo urbano,⁴⁴ alcançam o total de 178 unidades. Esses 178 grupos são compostos de 1.185 pessoas (962 na área rural e 223 na área urbana). Do total de 1.145 pessoas, cuja pirâmide etária vai de 0 a 97 anos, 622 indivíduos pertencem ao sexo feminino e 523, ao masculino.⁴⁵

De início, informa o autor, a parte urbana do núcleo continha algumas casas residenciais, comerciais e destinadas ao serviço público e a igreja. Todavia,

Este cenário urbano foi sendo aos poucos alterado [...]. Após se consolidar como proprietário rural, o italiano bem sucedido economicamente está investindo seu capital em construções urbanas. Além de usar isto como expediente de posições mais marcantes na estrutura grupal, o investidor, é claro, procura abrir alternativas

de rendimento. [...] [A segunda alteração no cenário urbano] está ligada à fixação de população brasileira no núcleo. Como não há casas disponíveis para alugar, alguns brasileiros, que se fixam no núcleo, se vêem na contingência de construir as suas casas.⁴⁶

⁴⁶ BORGES PEREIRA, 1974, p. 70-71.

Uma das riquezas da teoria da aculturação reside no estudo diacrônico e sincrônico da mudança sociocultural de um ou mais grupos sociais, portadores de diferentes culturas, vivendo em contato prolongado. Assim, o estudo diacrônico retrata os aspectos culturais do grupo social antes da emigração, enquanto o estudo sincrônico permite a observação das mudanças socioculturais que estejam ocorrendo, a incorporação de novas atitudes ou de novos hábitos e valores, bem como a contribuição do grupo estudado para a sociedade receptora. O estudo diacrônico supõe uma pesquisa bibliográfica detalhada nas áreas de história, sociologia e antropologia e, também, o levantamento de documentos em arquivos de modo a possibilitar o conhecimento do estilo de vida dos grupos sociais antes do processo migratório e, ainda, a aquisição de informações sobre o processo migratório. O estudo sincrônico implica pesquisa etnográfica, precedida e/ou acompanhada de levantamento bibliográfico, de grupos sociais em situações semelhantes para posteriores comparações.

Ora, um dos grandes problemas enfrentados por Borges Pereira compreendeu a falta de publicações italianas, na área de ciências sociais, dentro da perspectiva científica adotada. Dessa forma, o universo cultural de origem do imigrante foi reconstruído “através da conjugação dos depoimentos dos informantes com os dados colhidos diretamente na Itália e com as raras indicações bibliográficas”. Em relação à produção bibliográfica nacional, a ausência “de literatura especializada testemunha a falta de estudos daquela área”.⁴⁷ Possivelmente, o autor se refere ao pequeno número de trabalhos existentes sobre a imigração italiana e ao período de tempo que abarca o século XIX e o início do século XX.⁴⁸ Uma outra questão apontada diz respeito ao fato de constituir Pedrinhas um núcleo recente de imigrantes. Se, de um lado, essa situação permite apreender a vida do grupo *in fluxu*, a aculturação no seu início, por outro lado, ela dificulta a sua apreensão, pois “os fenômenos ainda não ganharam suficiente consistência para oferecerem-se objetivamente à observação”.⁴⁹

⁴⁷ BORGES PEREIRA, 1974, p. 9.

⁴⁸ BORGES PEREIRA, 1974, p. 4.

⁴⁹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 5.

A nosso ver, no entanto, comparações com grupos de italianos de fluxos imigratórios anteriores ou, até mesmo, com imigrantes de outras nacionalidades teriam enriquecido o trabalho, independentemente do pequeno número

de pesquisas publicadas e do fato de estas dizerem respeito à imigração para a zona rural. A comparação com um ou mais grupos, quer da mesma origem étnica ou não, teria permitido destacar as semelhanças e diferenças entre o grupo focalizado e os demais, evidenciando os aspectos que são característicos dos sujeitos da pesquisa. É o caso da pesquisa de Willems, *A aculturação dos alemães no Brasil*, que compreende um amplo estudo de aculturação abrangendo mais de um século, além de abarcar uma ampla região geográfica, os estados do Sul e do Sudeste do país. Ao longo dos capítulos dessa vasta obra, nos defrontamos com comparações entre diversas regiões alemães, das quais os imigrantes procederam; com comparações do processo de aculturação nas várias localidades brasileiras onde se estabeleceram, rurais e urbanas; e, ainda, com o confronto dos imigrantes alemães com os imigrantes italianos e com a população luso-brasileira.

A coleta de dados primários para a pesquisa *Italianos no mundo rural paulista* compreendeu

as histórias de vida, as entrevistas, a participação em todos os acontecimentos importantes da vida grupal, e, sempre que possível, a busca de convivência íntima com as famílias e os indivíduos. A população estudantil contribuiu com informações, através de técnicas mais formais: além de cartas endereçadas a parentes e conhecidos da Itália, narrando as suas experiências no Brasil, os ginasianos foram convidados a fazer composições sobre o grupo italiano em Pedrinhas, sobre os brasileiros, sobre o Brasil, sobre o núcleo e sobre a Itália. Pretendeu-se com isto examinar as reações das camadas mais jovens perante a situação aculturativa.⁵⁰

⁵⁰ BORGES PEREIRA, 1974, p. 10-11.

Não constam dados do número de indivíduos e de famílias entrevistados.

A época histórica em que se moveu essa pesquisa e que também a constitui está presente nas relações políticas internacionais que levaram à criação da colônia, a que nos já referimos, e na liberação dos bens dos imigrantes italianos que tinham sido congelados durante a Guerra e que vieram a compor o capital da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana. Necessário se faz falar, ainda, do período pós-1964, quando se instalou o regime militar que dominou o país até 1985 e com ele nova onda de nacionalismo exacerbado:

Em 1969, os argumentos dos adeptos da naturalização foram enriquecidos com nova política do Governo Federal, que limitava a compra de terras por estrangeiros, criando empecilhos aos "planos expansionistas" de grande número de colonos que

pretendiam ampliar suas áreas de terra (Decreto-lei no. 494, de 10/3/1969). Para enfrentar esta nova situação, o grupo adotou uma fórmula conciliatória: cada família naturalizava um dos membros, em nome do qual seriam feitas as aquisições de terra. A família que não possuía membro do sexo masculino, sem alternativa de contornar a lei, sujeitava-se a naturalizar o capo. Como resultante desta nova e imprevista pressão político-econômica da frente nacional, até o final de 1969, foram registrados 68 casos de naturalização, entre indivíduos de 18 a 55 anos, sendo que 70% deste total estava na faixa etária compreendida entre os 21 e 40 anos; 6 *famiglie coloniche*, mais radicais, naturalizaram todos os seus membros adultos.⁵¹

⁵¹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 124, nota 12.

Uma possível leitura das relações de gênero

O que podemos apreender sobre as relações de gênero na obra *Italianos no mundo rural paulista*, baseada na teoria da aculturação, considerando que analisaremos a obra dentro da perspectiva de estudos de gênero, mais de 30 anos após a sua confecção? Qual seria a sua contribuição para o fortalecimento de uma etnografia feminista? Em primeiro lugar, a teoria da aculturação compreende uma abordagem abrangente “do processo – incluindo evidentemente seus mecanismos condicionantes e suas múltiplas e variadas resultantes – que envolve um grupo de imigrantes”.⁵² Portanto, não se trata de um estudo pontual, dada a sua riqueza de dados históricos e de informações detalhadas e análises que apresenta. Em segundo lugar, trata-se de uma pesquisa qualitativa, etnográfica e como tal é rica em trabalho de campo, compreendendo o estudo de grupos sociais no seu próprio tempo e espaço, nas suas vidas diárias.⁵³

⁵² BORGES PEREIRA, 1974, p. 1.

⁵³ BURAWOY, 1991, p. 2.

A operacionalização da pesquisa, contudo, conduz à fragmentação da análise, levando o autor a tecer considerações sobre o ato de emigrar, o que aponta para a importância do estímulo econômico. Importante para este artigo é assinalar que ele reconhece que esse estímulo

atinge de maneira diversa e com diversa intensidade os diferentes membros da família migrante. Em uma cultura como a italiana, onde a exaltação do homem se contrapõe à relativa inferioridade da mulher, é o chefe da família (*capo-famiglia*) quem dá o destino do grupo. Esta afirmação, por ser simplista, é parcialmente verdadeira. Como veremos mais adiante, sob a capa desta ideologia masculina sobra margem substancial para que os demais membros da família – esposa e filhos – possam interferir, cada qual a sua maneira, na determinação dos destinos do próprio grupo. As técnicas de interferência desses membros nas

⁵⁴ BORGES PEREIRA, 1974, p. 32.

resoluções do chefe nem sempre são claras e explícitas, mas raramente deixam de ser eficientes.⁵⁴

Prosseguindo com a leitura, nos defrontamos com a reação dos imigrantes diferenciada por sexo em relação ao pó vermelho, intrínseco à terra roxa:

A primeira é a reação negativa, por parte da mulher italiana, que alterou completamente seu esquema de trabalhos domésticos, ligado a padrões e hábitos higiênicos com o corpo e com a roupa dos membros da família. [...] Em Pedrinhas, a terra roxa, legítima ou não, expele um pó que impregna tudo, enfeia a paisagem, encarde a pele, suja a roupa recém-trocada ou exposta ao sol para secar, escurece a casa e seus móveis, transforma as crianças lavadas pela manhã em criaturas muito sujas no final do dia. Esta poeira avermelhada trouxe novas preocupações à mulher italiana, obrigando a alterar os seus hábitos de trabalho. [...] Na segunda reação, positiva, é que se depreende a manifestação cultural do pó. Esta, diferente da negativa, parte não das mulheres, mas do homem, e de uma maneira que a coloca como peça de uma ideologia grupal que vai ganhando corpo em Pedrinhas [...]. Por ora, o que interessa destacar é que o mesmo pó avermelhado, que tanto afeta a vida da mulher, que a leva a repudiar o Brasil só por causa disto, é visto pelo homem como 'algo bom e abençoado' pois testemunha que ele possui pedaço de terra roxa e que tem à sua disposição o que há de melhor para sustentar seus anseios de *homo oeconomicus*, cujo ponto de partida se localiza em suas atividades agrícolas e cujo êxito depende da qualidade do solo.⁵⁵

⁵⁵ BORGES PEREIRA, 1974, p. 45-47.

⁵⁶ MAHLER e PESSAR, 2006.

Uma leitura etnográfica feminista e atual⁵⁶ desse último parágrafo possivelmente levaria a uma outra explicação: o impacto da imigração ao incidir sobre a família estaria repercutindo de modo mais intenso sobre a mulher, como esposa, como mãe, como dona-de-casa. O autor reconhece esse fato mais adiante, no entanto, o porquê e o como homens e mulheres vivenciam a migração de forma diferente ainda não faziam parte das preocupações dos pesquisadores da época.⁵⁷

⁵⁷ PESSAR, 1999, p. 53.

Anteriormente à utilização de "gênero" como categoria analítica, os estudos migratórios, nos Estados Unidos, na década de 1980, começaram por evidenciar a presença da mulher no processo migratório, criticando as pesquisas anteriores que focalizavam como sujeito somente o masculino. Entre esses autores, gostaríamos de destacar Elizabeth Ewen e Sidney Weinberg.⁵⁸ No Brasil, na década seguinte, a mulher aparece como protagonista entre os poucos estudos sobre mulheres imigrantes, entre os quais

⁵⁸ EWEN, 1985, e WEINBERG, 1988.

⁵⁹ SAKURAI, 1993, e LERNER, 1996. destacamos os da autoria de Célia Sakurai e de Kátia Lerner.⁵⁹ Em ambos os países as obras foram escritas por mulheres.

⁶⁰ GOLD, 1995. Na década de 1990, os temas “família” e “gênero” foram incorporados aos estudos migratórios produzidos nos Estados Unidos. Steven Gold⁶⁰ elenca três motivos para essa mudança. Em primeiro lugar, o aumento do número de mulheres imigrantes. Assim, um dos aspectos que definem a “nova imigração” para esse país é o seu grande contingente feminino. Em segundo lugar, a crescente influência do feminismo acadêmico, que coloca a experiência da mulher no centro da produção do conhecimento. Finalmente, a presença de um grande número de mulheres imigrantes tem acarretado implicações políticas relevantes, no sentido de reivindicações por melhores moradias e por mais extensivos serviços de assistência social, tornando-as o centro da pesquisa.

⁶¹ SAFFIOTTI, 1969, e BLAY, 1981. No Brasil, a influência do feminismo na academia, apesar dos trabalhos pioneiros de Helleieth Saffiotti e de Eva Blay,⁶¹ aparece mais tarde com a criação de núcleos de pesquisas e de estudos de gênero, na década de 1980. A produção bibliográfica sobre “gênero” como categoria analítica nos estudos migratórios nos Estados Unidos data da década de 1990 e no Brasil da década de 2000. Nos últimos anos, no Brasil, foram publicados alguns artigos que trabalham com a perspectiva de gênero entre emigrantes brasileiros nos Estados Unidos.⁶² No primeiro, a autora busca “a contribuição que a perspectiva de gênero pode trazer à análise das redes sociais na migração”,⁶³ e no segundo “o foco da pesquisa é a relação entre o processo de aculturação (mudanças culturais) e as relações de gênero entre marido e esposa no novo país”.⁶⁴ Há, ainda, o artigo de Ethel Kosminsky, uma pesquisa comparativa que “discute as relações de gênero vividas por mulheres imigrantes judias, procedentes da Europa Oriental, que se fixaram em São Paulo e em Nova York, e por suas filhas, nascidas nessas cidades”.⁶⁵ É interessante também apontar a presença de autores do sexo masculino entre os pesquisadores da área de gênero e migrações nos Estados Unidos.

Na pesquisa de Borges Pereira, os depoimentos dos imigrantes, no início do processo de adaptação, mostram que homens e mulheres reagiram de modo diverso em relação às adversidades:

Tais impactos incidiam mais sobre o universo de vida da mulher, principalmente da dona de casa. Também o comportamento de um e de outro perante tal situação era discrepante. [...] Nas biografias das mulheres a referência ao choro é uma constante, algumas choravam dia e noite, durante semanas e semanas,

chegando inclusive a participar de choros coletivos, isto é, de grupos de mulheres que se reuniam para lamentar as dificuldades e chorar em conjunto. Entre as mulheres da Itália do sul, envolvidas numa tradição cultural onde todos os fatores da vida são encarados de maneira dramática, ou ritualisticamente dramática, essas reações emocionais se transformavam em demonstrações de dramaticidade ritualizada, da qual participam vizinhos e membros femininos do grupo familiar.⁶⁶

⁶⁶ BORGES PEREIRA, 1974, p. 56.

Os dados referentes às reações dos homens diante das dificuldades iniciais permitem perceber que, ante o seu papel de chefes da família, as suas atitudes denotaram disciplina e preocupação em

garantir o equilíbrio do grupo. Não podia, portanto, [o homem] dar públicas demonstrações de desespero. Além do mais, o apelo ao choro e às lágrimas não é comportamento sancionado pelos padrões culturais para enfrentar situações desse tipo. Dentro de uma cultura de orientação acentuadamente masculina, a nossa corriqueira expressão – ‘homem não chora’ – ganha conotações acentuadas. Impedido de participar desses recursos catárticos privativos do mundo feminino, e sobrecarregado pelos problemas que lhe chegavam através das reações das mulheres, era de se esperar que o homem apresentasse, como nos afirmou um dos médicos do núcleo, estados patológicos psicossomáticos.⁶⁷

⁶⁷ BORGES PEREIRA, 1974, p. 56.

Essas diferenças entre o comportamento dos imigrantes do sexo masculino e o do sexo feminino são simplesmente assinaladas como pertencentes a uma “cultura masculina”. Não havia, na década de 1960, a preocupação em evidenciar que homens e mulheres experienciam o processo migratório de maneira diferente e como esse contraste afeta o processo de estabelecimento de um grupo imigrante. Uma perspectiva de gênero exige um estudo aprofundado das instituições e ideologias que os imigrantes criam e encontram na sociedade receptora a fim de determinar como o patriarcalismo organiza a vida familiar, o trabalho, as associações comunitárias, a locomoção das pessoas tanto na cidade como na zona rural. Esse approach também incentiva a investigação sobre as diversas formas nas quais a migração ao mesmo tempo reforça e desafia o patriarcalismo nos seus múltiplos aspectos.⁶⁸ Assim, é dentro das relações familiares, baseadas no poder autoritário do homem, o chefe da família, que podemos entender as diferentes atitudes dos imigrantes italianos, homens e mulheres, na colônia de Pedrinhas, componente da sociedade brasileira, na qual

⁶⁸ PESSAR, 1999, p. 53.

“homem não chora”. Mais adiante, veremos se é possível uma leitura de *Italianos no mundo rural paulista* que mostre se a imigração reforçou ou não o patriarcalismo, componente da carga cultural dos imigrantes italianos.

Observa Borges Pereira que, à medida que os imigrantes vão se tornando bem-sucedidos, as casas começam a ser remodeladas e eletrodomésticos são incorporados ao seu dia-a-dia, tais como geladeira, fogão a gás, rádio, vitrola, televisão, etc. A aquisição desses bens constitui para as mulheres um ponto de apoio na sua recusa em voltar à Itália, contrapondo-se àqueles maridos que assim o desejam, “com medo de vender tais bens e não mais conseguir adquiri-los”. O consumo de eletrodomésticos é analisado pelo autor do ponto de vista da competição entre as famílias imigrantes para a aquisição por *status* superiores. No Brasil, a divulgação desses bens ocorreu simultaneamente ao aumento do poder aquisitivo dos italianos.⁶⁹

⁶⁹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 68-69.

Maria Catarina C. Zanini formula uma diferente explicação acerca do consumo dos eletrodomésticos, levando em consideração a perspectiva de gênero, na pesquisa etnográfica entre descendentes de imigrantes italianos, de 1997 a 2001, retomada em 2006, nas áreas rural e urbana da região central do Rio Grande do Sul:

No trabalho doméstico [...], o uso de eletrodomésticos tem permitido a essas mulheres melhor coordenarem seu tempo e poderem incluir atividades de lazer no seu dia-a-dia, tais como assistir novelas, fazer crochê, participar dos terços, visitar parentes, jogar cartas etc, as quais antes eram atividades menos rotineiras.

Os eletrodomésticos, contudo, não ingressaram no mundo doméstico sem antes serem “estudados”. Muitas das famílias no meio rural com as quais convivi, apesar de possuírem fogão a gás, optavam por utilizar o fogão à lenha, especialmente nos dias frios, pois ele propiciava uma maior sensação de conforto e de agregação familiar. Além disso, a comida nele preparada “tinha outro sabor”. A televisão foi um eletrodoméstico que encontrei em todas as casas, de todas as camadas sociais, rurais e urbanas. Geladeiras e *freezers*, igualmente. Compreendo que foi na cozinha dessas mulheres descendentes que muitas transformações culturais foram ressemantizadas na terra hospedeira. Foram elas também que, ao manter temperos e sabores, souberam repassar, de geração a geração, determinado estilo de vida que remete à ascendência italiana.⁷⁰

⁷⁰ ZANINI, 2006, p. 5.

Ainda em relação ao uso desses novos elementos, Borges Pereira destaca a importância dos meios de comunicação, especialmente do rádio e da televisão, na

vida diária dos colonos. A seu ver, esses instrumentos se constituem em agentes da incorporação dos imigrantes aos padrões urbanos brasileiros e, ao mesmo tempo, no seu distanciamento

de certo estilo de vida identificado ao mundo rural brasileiro, e que no encontro entre populações italiana e brasileira daquela área é simbolizado por aqueles brasileiros pobres, nordestinos ou não, que não conseguem exibir as mesmas expressões de civilização e de “modernidade”. Ao mesmo tempo em que este distanciamento lhe vai fornecendo elementos para compor uma imagem negativa do brasileiro rural – que para alguns italianos é o estereótipo do brasileiro em geral – afasta-o, como consequência, de tudo aquilo que culturalmente define aquele segmento populacional.⁷¹

⁷¹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 69.

No plano do trabalho, na agricultura, as referências do autor se dirigem unicamente aos homens, permitindo supor que o trabalho da mulher na agricultura não fosse necessário,⁷² pois, ao comparar com a emigração de antes da guerra, “quase sempre custeada pelo próprio emigrante”, Borges Pereira chama a atenção para as “facilidades de financiamento oferecidas ao emigrante, que transformava o ato de emigrar em algo relativamente fácil”.⁷³ Além disso, inúmeros trabalhadores nacionais (nordestinos) foram admitidos, quer como população fixa, quer como população flutuante na época da colheita do algodão, liberando “os membros masculinos do grupo para outras tarefas” fora do núcleo colonial. Dessa forma, a mão-de-obra familiar fazia-se cada vez menos necessária para os trabalhos agrícolas.⁷⁴ O que as mulheres italianas faziam do seu tempo de não-trabalho na agricultura? Não encontramos resposta.

⁷² Mais adiante veremos que não foi bem assim.

⁷³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 31.

⁷⁴ No final do século XIX e início do século XX, as famílias de imigrantes italianos chegaram a São Paulo para trabalhar como colonos das fazendas: homens e mulheres se dirigiram para o plantio dos pés de café e para a colheita. Também mulheres e crianças se ocuparam das plantações de subsistência, cultivadas entre as fileiras dos cafezais. As mulheres ainda trabalharam como criadas e costureiras nas fazendas e, além disso, tinham a obrigação de cuidar da sua própria família e das atividades domésticas necessárias à sua manutenção (Zuleica ALVIM, 1986).

⁷⁵ ZANINI, 2006, p. 3.

⁷⁶ ZANINI, 2006, p. 5.

Maria Catarina Zanini observou que as mulheres descendentes de italianos, entre 70 e 85 anos de idade, na época da pesquisa, afirmaram que “trabalhavam com os homens em pé de igualdade na roça, chegavam em casa e tinham a rotina doméstica a cumprir: cozinhar, costurar, rezar, cuidar das crianças, dos animais, da horta⁷⁵ etc”. E que

as novas tecnologias têm modificado as relações de gênero e patrocinado mudanças nos espaços domésticos e de produção. Por exemplo com a mecanização da lavoura, o trabalho da mulher passou a ser menos exigido durante todo o processo produtivo no campo, o que tem possibilitado que cuidem mais de suas casas e que as filhas mulheres estudem.⁷⁶

No entanto, Borges Pereira encontrou um caso que pode representar o início da alteração de padrões culturais

originários: “uma família do meio rural, proveniente da Itália Meridional que se estabeleceu com casa comercial no núcleo e para espanto de uns e escândalo de outros, permitiu que as mulheres da família se transformassem em balconistas”.⁷⁷

⁷⁷ BORGES PEREIRA, 1974, p. 93.

Nas suas considerações sobre as famílias dos imigrantes italianos em Pedrinhas, o autor explicita que se trata de uma

organização grupal que se orienta pelo modelo de família extensa, reunindo famílias nucleares, que se originaram do mesmo tronco. [...] esta instituição tende a se enquadrar, dentro do tipo de família patriarcal, com fortes tendências para o patrilocalismo e para a endogamia. Em Pedrinhas surgiram condições favoráveis para que esse ideal organizatório se realizasse no plano concreto. Em primeiro lugar, a predominância de metas econômicas sobre os demais alvos do imigrante o levou a reforçar a família como unidade de produção e de consumo [...]. Em segundo lugar, a adoção da tecnologia moderna aliada à prática racional de agricultura, ao aumentar a produtividade da terra, e com esta, a rentabilidade econômica, anulou, de certa maneira, a incompatibilidade de um tipo de família estruturada dentro do padrão de família extensa. Pode-se notar aqui a presença do plano colonizador posto em prática pela empresa colonizadora, influenciando a preservação de uma esfera associativa de excepcional importância para o grupo migrante, ou então, o que parece mais acertado, garantindo a concretização de padrão altamente valorizado pela tradição italiana.⁷⁸

⁷⁸ BORGES PEREIRA, 1974, p. 129-130.

Ao analisar o grupo familiar do imigrante, Borges Pereira considera que a idade e, principalmente, o sexo determinam a posição e o papel dos indivíduos dentro do grupo: “os princípios estruturais e organizatórios baseados nessas duas categorias biológicas manifestam-se como expressões do padrão patriarcalista da família italiana”. A organização patriarcal da família italiana exprime-se na

subordinação dos mais novos aos mais velhos e das mulheres aos homens. A chefia da casa pertence ao esposo, que ocupa o vértice da pirâmide grupal. Logo após, como seu substituto eventual, dentro de uma hierarquia baseada em padrões ideais, vem o filho mais velho. [...] Em Pedrinhas, alguns casos mostram que nem sempre o princípio da primogenitura é posto em prática; às vezes o filho mais novo, ou mesmo a mãe, assume a responsabilidade pelos destinos do grupo.⁷⁹

⁷⁹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 132-133.

Como bem notou Borges Pereira, o estabelecimento dos italianos em Pedrinhas e, possivelmente, em outras regiões do Brasil contribuiu para a persistência dos antigos

padrões familiares trazidos na sua carga cultural. Segundo Antonio Candido, a imigração pode ter provocado o recrudescimento desses padrões:

Não somente porque os imigrantes adotam traços semi-patriarcais através do contato cultural, mas porque em muitos casos eles próprios são portadores de traços semelhantes. Este é, por exemplo, o caso dos italianos do sul da península, com as suas tendências fortemente parternalísticas, e, acima de tudo, com os sírios, ainda imersos em uma organização semi-patriarcal que eles defendem tenazmente através da segregação e do casamento consagúineo.⁸⁰

⁸⁰ CANDIDO, 1951, p. 306-307.
Tradução nossa.

Outras vezes, como diz Pessar, a imigração pode levar ao desafio do patriarcalismo, especialmente, se as mulheres são provenientes de cidades e países mais adiantados.⁸¹ Assim, na nossa pesquisa sobre mulheres imigrantes judias, procedentes da Europa Oriental, que se estabeleceram na cidade de São Paulo, entre os anos de 1911 e 1948, e cujas filhas foram entrevistadas nessa cidade, entre o final de 1997 e o início de 1998, nos deparamos com a história da mãe de Helena, originária de Riky, perto de Varsóvia, onde ela tinha um pequeno bazar em que vendia linhas e agulhas.⁸² Na década de 1930, depois do seu casamento, ela e o marido tinham um bazar no Bom Retiro, bairro de São Paulo, na época ocupado, em boa parte, por imigrantes judeus. Em seguida, eles abriram uma pequena fábrica de roupas para crianças e

⁸¹ PESSAR, 1999.

⁸² KOSMINSKY, 2004.

ela [a mãe] trabalhava muito, ela saía de mala e vinha com o mostruário de bonde, para ir nos bairros da Penha, da Lapa, como vendedora das roupas da fábrica, para vender para as lojas. Agora o termo é representante. [...] Minha mãe era então assim uma zorra, de pegar bonde com mala, ela conta que uma vez perguntaram para ela:

– Seu marido está doente?

– Não, por quê?

– Porque a senhora está trabalhando.

– Precisa meu marido estar morrendo para eu trabalhar?

[Helena ri] Você imagina a mentalidade da época, que seu marido está morrendo ou doente para a mulher trabalhar!⁸³

⁸³ KOSMINSKY, 2004, p. 313.

O emprego das variáveis “sexo” e “idade” na obra de Borges Pereira, entendidas como variáveis biológicas, pertencem a um período datado da história das ciências sociais, no sentido de que essas colocações têm a ver com a própria formação desse ramo do conhecimento, que surgiu muito próximo das ciências naturais. Assim, somente nas últimas décadas é que, através dos estudos de gênero e da sociologia da infância e da juventude, as ciências

sociais puderam demonstrar como as categorias “gênero”, “infância” e “juventude” são social e historicamente construídas.

Se fosse se ater às aparências, a mulher parece que não teria vez, segundo o pesquisador. No entanto, após distinguir a mulher proveniente do sul e aquela originária do norte da Itália, em diferentes situações observadas, Borges Pereira afirma que a mulher do norte, em situações públicas,

é pouco resguardada de contatos com indivíduos de outro sexo. Vendo-a em situações públicas, não se tem a impressão de que ela esteja sob o controle do marido. Traja-se mais dentro da “moda”, e a passagem da situação de solteira para a de casada não altera neste ponto o seu comportamento. As mudanças são determinadas, em tais aspectos exteriores, apenas pela idade que distingue a anciã da jovem mulher casada. Dentro de casa, a situação se altera; desaparece a mulher relativamente comunicativa e surge a mulher silenciosa. Hospeda o visitante com polidez, porém com certa frieza. Seu marido é o seu porta-voz, ao atender o visitante e ao responder às perguntas que lhe são formuladas, mesmo as de caráter doméstico. Raramente ela participa do assunto, embora esteja no mesmo recinto da reunião. Em geral, ela fica distante dos interlocutores, a um canto da sala, silenciosa, mas ouvindo toda a conversação. A confiar, porém, nos informantes masculinos, todo esse alheamento é apenas aparente e superficial, ditado por padrões de etiqueta, que de forma alguma a colocam à margem dos assuntos mais importantes da família. Para usar a expressão de um informante, a “hora da mulher falar é no travesseiro”. À noite, a sós com o marido, ela dá a sua opinião, e desta forma dirige os rumos dos acontecimentos. À luz do dia – para usar uma comparação cômoda – o chefe transmite, como sendo dele, a opinião expedida pela esposa, que o grupo aceita como tendo partido do *capo*. Os filhos já conhecem a influência de bastidores da mulher subreptícia, por isso toda a técnica de aproximação do pai começa pela aproximação da mãe, sem, porém, colocar em dúvida a autoridade paterna.⁸⁴

⁸⁴ BORGES PEREIRA, 1974, p. 134.

Sobre a mulher do sul relata o pesquisador que,

quando sai à rua, está sempre sob a vigilância ostensiva do marido, exibindo ar de tristeza, que a roupa preta acentua. Quando o esposo está a seu lado, ela demonstra muita vivacidade, conversa com desenvoltura com os homens que lhe dirigem a palavra, toma a iniciativa das compras; quando longe do marido, ela fica cabisbaixa e silenciosa, evitando inclusive o olhar de outros homens. Esta mulher passa

por extraordinária metamorfose quando substitui a rua pelo lar. Nos domínios domésticos, nada resta da mulher submissa e inibida. Em seu lugar, surge a “rainha da casa” – para usar a expressão predileta com a qual os italianos costumam designar a mulher em seu imperialismo doméstico. Exuberante nos gestos e no falar, quase sempre risonha, nega em tudo aquela tristeza pública. Vai porém, rapidamente, de um tema alegre para um assunto triste, e acompanhando a transição do tema, todo o seu semblante e seus gestos e sua voz se alteram, compondo a máscara de uma representação cênica. Loquaz, desinibida e desenvolta em casa quer na ausência ou na presença do marido, hospitaleira sem formalismo, ela toma sempre a iniciativa da conversa, colocando marido e filhos em segundo plano. Estes, quando falam, estão sempre reticentes, à espera da aprovação da “rainha”, que se faz entender pelo simples olhar.

Diferentemente da mulher do norte, a mudança do status de solteira para o de casada altera-lhe inclusive a aparência. Antes do casamento é uma jovem extremamente vaidosa e adereçada, ostentando tipo físico que chega a ser atraente para os nossos padrões de beleza. Depois de casada, desleixa-se e fica feia, não apenas como resultante de mudanças nos padrões de vestir, mas também como produto de intencional enfeamento físico. Tem-se a impressão de que ela faz tudo para se enfeiar. É como se o seu *status* de mulher casada a obrigasse a isso, como a cumprir um ritual, a fim de não atrair olhares cobiçosos masculinos. Ela deve renunciar à vida para viver apenas para o seu esposo e para os seus filhos. Tal fidelidade é preservada inclusive após a morte do marido. Independentemente da idade, ela permanece viúva perpétua, sem pensar em contrair novo matrimônio, e quando morre é sepultada com os trajes de luto que ela usou desde o falecimento do companheiro.⁸⁵

⁸⁵ BORGES PEREIRA, 1974, p. 134-135.

As diferenças de atitudes entre as mulheres do norte e as dos sul, observadas pelo pesquisador, podem ser explicadas pelas diferenças já assinaladas entre o Norte e o Sul da Itália, sendo as relações familiares nesta última região, ainda na época da imigração para Pedrinhas, mais tradicionais do que na primeira.

Borges Pereira compara o comportamento da mulher brasileira e da mulher italiana, em relação aos homens, partindo do exame da etiqueta das relações entre os sexos fora do lar:

talvez se possa dizer que o cerimonial adotado pela cultura italiana expresse, nesse plano, maior simetria entre os homens e mulheres do que a observada na cultura brasileira. Na verdade, é preciso reconhecer que colocar o comportamento da mulher brasileira em

termos comparativos com o da mulher italiana, e desta comparação chegar à conclusão enunciada acima, é violentar os fatos. Talvez o que se possa dizer é que há quase incoerência quanto à relativa igualdade dos sexos entre brasileiros e todo o requinte de ritualismo que preside as relações entre homens e mulheres no plano formal; enquanto, de outro lado, há quase contraste entre a supremacia masculina na tradição italiana e a etiqueta de tratamento formal dispensada pela italiana ao homem. Assim, quando a mulher italiana enfrenta situação em que lhe é permitido falar com estranhos, ela fala, discute e interpela de igual para igual, sem rodeios. A mulher brasileira, desde a roceira até a professora – para se falar simbolicamente em termos de rural e urbano – em tais situações, coloca-se sempre em posição de assimetria, fala sempre de forma reticente, sobretudo quando o assunto tem um certo toque de “tabu”. Jovem senhora, casada com italiano urbano e culto, confessou ao investigador que grande dificuldade de ajustamento representado pelo casamento interétnico foi aceitar com naturalidade a discussão, em sua presença e na presença de estranhos, de assuntos que em sua família original seriam abordados por metáforas e subterfúgios, como é o caso, por exemplo, de temas ligados a questões sexuais.⁸⁶

⁸⁶ BORGES PEREIRA, 1974, p. 136.

A aguda percepção do etnógrafo se faz presente nessa análise que lhe permite discernir as diferenças de comportamento da mulher em casa e na rua e também dos rituais de comportamento entre os sexos. Pertinente também é a observação sobre a diversidade de comportamento das mulheres italianas e das brasileiras em contato com desconhecidos: enquanto a primeira enfrenta, a segunda se mantém reticente. Mesmo em sociedades baseadas no poder autoritário do chefe da família, as regras de etiqueta entre os sexos apresentam uma grande variedade. Entretanto, a afirmação do autor a respeito da “relativa igualdade dos sexos entre brasileiros e todo o requinte de ritualismo que preside as relações entre homens e mulheres no plano formal” dificilmente pode ser entedida. Podemos apenas assinalar que as regras de etiqueta entre os brasileiros são outras.

Vejamos as observações de Emilio Willems a respeito das relações entre os sexos na vila de Cunha,⁸⁷ estado de São Paulo, em pesquisa realizada, em meados da década de 1940, com a finalidade de verificar as mudanças culturais que estavam ali ocorrendo com a passagem da tradicional economia de subsistência para a economia comercial:

Na comunidade urbana são raríssimos os casos de pessoas que vivem juntas sem o vínculo do casamento.

⁸⁷ Baseando-se em dados do censo de 1943, Willems afirma que o município de Cunha contava com aproximadamente 27 mil pessoas, das quais 1.485 moravam na cidade de Itaipava. Tratava-se, portanto, de um município predominantemente rural (WILLEMS, 1961, p. 27-28).

⁸⁸ Agregados, nesse caso, significa uma relação de subordinação de patrão com agregado, sendo este o termo que substitui geralmente o do arrendatário. Este mora com a família na fazenda, em casa de pau-a-pique. Paga o proprietário em espécie (milho e feijão), e é tal o grau de dependência que se transforma geralmente em "camarada", assumindo obrigações relativas às lavouras do patrão (WILLEM, 1961, p. 46).

⁸⁹ WILLEMS, 1961, p. 61.

Outrora, porém, eram freqüentes, mesmo na classe superior. Verificamos que, há 40 anos atrás, seis pessoas da "elite local" viviam amasiadas sem que "alguém ligasse para esse fato". Não sofre dúvida que o padrão atual [dos anos 1940] é bem diverso, pois a reação da opinião pública traria conseqüências desagradáveis aos transgressores da norma social.

Diferente é a situação da roça, onde os amasiamentos são freqüentes, sobretudo entre os agregados.^[88] Relações sexuais pré-nupciais com "moças de família" são relativamente raras. Quando sucedem na classe alta ou média, os pais procuram imediatamente legalizar a união pelo casamento. Na roça predomina a crença de que "moça que perdeu a virgindade vira mula-sem-cabeça depois da morte". Esta sanção sobrenatural, associada à vigilância dos pais, age como poderoso fator preventivo contra "abusos", mas não impede que, pelo menos entre os agregados, o matrimônio tome, freqüentemente, uma feição pouco estável [...].⁸⁹

As tendências patriarcais da comunidade originaram um padrão de "recato" que limita a esfera de influência da mulher casada ao lar. Quando o marido recebe hóspedes, ela raramente aparece e nas refeições ela serve os convidados sem tomar lugar à mesa. Somente em festas de certa importância, a dona da casa figura à mesa, mas sempre em companhia de outras mulheres. Percebe-se, no entanto, que esse padrão está sendo aos poucos modificado por mulheres da classe superior vindas de fora. Mesmo quando o marido recebe visitas masculinas, as senhoras aparecem, são apresentadas e participam da conversa, às vezes com grande vivacidade, explicável pela "monotonia do meio", como elas dizem, raramente interrompida pelo aparecimento de forasteiros do mesmo nível social.

Observamos que as mulheres da roça gozam de maior autonomia do que as da cidade. Estas se vêem confinadas, em geral, ao âmbito doméstico. Aquelas, no entanto, podem dedicar-se a atividades econômicas que lhes asseguram um grau de independência relativamente elevado. As mulheres de sítiantes e fazendeiros criam aves e suínos, fazem farinha de milho no pilão e vendem o produto do seu trabalho. Dessa maneira, muitas conseguem acumular um pecúlio que o marido "respeita".⁹⁰

⁹⁰ WILLEMS, 1961, p. 63.

Podemos supor, confrontando as pesquisas dos dois autores, que "a relativa igualdade dos sexos entre os brasileiros" e mais a utilização de eufemismos em assuntos relacionados a sexo, apontadas por Borges Pereira, poderiam estar ligadas a diferenças de classe social. Considerando que, segundo este autor, os brasileiros com

⁹¹ Elza BERQUÓ, 1998.

⁹² Ver BORGES PEREIRA, 1974, p. 136.

os quais os italianos entram em contato são trabalhadores pobres, na sua grande maioria, essa relativa igualdade poderia ocultar a existência de relações consensuais, que favorecem a circulação de homens entre várias mulheres, ao longo dos anos,⁹¹ um sinal da desigualdade das relações de gênero – coincidindo, de um certo modo, com as colocações acima de Willems. Possivelmente, a utilização de eufemismos em assuntos considerados “tabus” pode estar ligada às camadas médias – é o que se depreende dos exemplos do texto.⁹²

A disposição dos temas tratados na obra da Borges Pereira, isto é, a sua organização, denota a perspectiva masculina, como não poderia deixar de ser na época. A parte referente ao trabalho executado pela mulher imigrante faz parte do capítulo V, que trata da vida associativa, dentro da dimensão da família, enquanto o trabalho do homem consta do capítulo IV, denominado “A paisagem trabalhada”. Em relação às tarefas que a mulher executa, diz o autor:

Na divisão de trabalhos cabe à mulher atuar em dois níveis: dentro de casa, ela deve cuidar do que se poderia chamar de suportes infra-estruturais da vida familiar, enquanto unidade sócio-econômica. Assim, cuida das crianças e dos afazeres domésticos (cozinhando, lavando e cozendo). Fora de casa, ela é responsável pela horta, pomar, criação miúda, fabricação de queijo e manteiga e pelo preparo de rações para os porcos e para o gado leiteiro semi-estabulado. Em épocas de colheitas, quando a mão-de-obra é muito solicitada, ela também participa diretamente da faina agrícola, junto aos demais membros masculinos da família e de eventuais assalariados.⁹³

⁹³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 137.

Todas essas tarefas são desenvolvidas na família

dentro de princípios organizatórios que colocam num mesmo sistema de interações todas as mulheres do grupo, sob a liderança da mais velha, que é, em geral, a esposa ou a viúva do capo. Assim como este orienta toda a atuação do grupo familiar, a sua companheira, com a mesma autoridade, orienta a atuação das mulheres do grupo. É ela que distribui as tarefas do dia, supervisiona o trabalho, anula com a sua autoridade eventuais focos de atritos, que se podem manifestar nas relações competitivas entre as noras, os filhos e entre os netos, que são primos entre si.⁹⁴

⁹⁴ BORGES PEREIRA, 1974, p. 137-138.

Preocupadas com a preservação da organização das atividades, expressão de um estilo de vida identificado com a família extensa, as mulheres italianas entrevistadas se manifestaram contrárias ao casamento misto e à quebra

⁹⁵ BORGES PEREIRA, 1974, p. 138.

dos padrões endogâmicos. Do mesmo modo, o *capo* “reluta em aceitar genro de fora, em especial genro brasileiro”.⁹⁵ Além das diferenças de costumes e de modo de vida, há uma diferenciação social grande entre os imigrantes, proprietários rurais, e os brasileiros de Pedrinhas, trabalhadores rurais e pobres. Assim, os casamentos realizados no Brasil seguem o padrão endogâmico, dentro do grupo étnico e com parceiros da mesma localidade (*paese*). Por outro lado, o pesquisador observou atitudes de rebeldia por parte da “população jovem contra os padrões de comportamento da geração mais velha”, considerando essas atitudes também como “uma reação do mundo feminino contra o esquema que lhe é imposto, em última instância, pelo mundo masculino”:

⁹⁶ BORGES PEREIRA, 1974, p. 139.

uma jovem de 18 anos diz que “casar com brasileiro é *fogo*. Os meus pais não deixam, só no último caso, porque brasileiro das Pedrinhas é pobre. A gente tem que namorar brasileiro de fora que é formado, que é rico. Italiano, eu já disse para minha mãe, eu não quero, porque não dá liberdade e faz a mulher de escrava da mãe dele”.⁹⁶

Para Borges Pereira, o casamento em Pedrinhas, “a par de suas funções sócio-econômicas”, compreende também uma

⁹⁷ BORGES PEREIRA, 1974, p. 140.

forte imposição de ordem biológica. É a solução adotada para atender aos reclamos do sexo. Dentro de uma cultura de acentuada orientação masculina, de exaltação da virgindade, é compreensível que o matrimônio seja para a mulher a única alternativa sancionada para a satisfação de suas necessidades sexuais. Ao homem, porém, os padrões de respeitabilidade se mostram mais elásticos e, como tal, ele encontra alternativas culturais que sancionam relações pré e extra-matrimoniais.⁹⁷

No entanto, a situação é outra em relação ao jovem solteiro de Pedrinhas,

sobretudo aquele que não tem grandes oportunidades de deixar o núcleo, [que] encontra fortes empecilhos para usar tais alternativas culturais. A grande dificuldade está na obtenção da companheira que se preste a isto. Excluindo as italianas, nada acessíveis pelos motivos já expostos, sobram as mulheres do grupo nacional, constituído preponderantemente de nordestinos seminômades. Referindo-se a este fato, um rapaz afirmou que “o jeito é casar logo, porque ‘não dá pé’ viver assim”. E demonstrando em seu depoimento a adoção de expressões eufemísticas correntes nas zonas rurais e interiorana do Brasil, conclui que “a mulher nordestina às vezes ‘dá bola’ mas nas Pedrinha é difícil

'barranquear', pois todo o mundo já vê e fala e vai contar para o Padre". Como se observa por esta declaração, o indivíduo está submetido, dentro da colônia, a rigoroso controle comunitário, sobretudo religioso. Ainda que disponha de condução, não é fácil ao jovem tentar aventuras fora do núcleo, nem mesmo no meretrício das cidades vizinhas, "pois o padre fica logo sabendo e já vem em cima da gente". A solução, portanto é o casamento.⁹⁸

⁹⁸ BORGES PEREIRA, 1974, p. 141.

Algumas considerações relativas ao momento da pesquisa: os imigrantes italianos encontraram, na sociedade brasileira, valores semelhantes àqueles que faziam parte do seu próprio *ethos*, a manutenção da virgindade feminina antes do casamento e a organização familiar baseada no poder autoritário do esposo e pai. Esse compartilhar de valores, aliado ao predomínio da religião católica entre os italianos e os brasileiros, pode ter contribuído para a preservação dos padrões de comportamento dos imigrantes.⁹⁹ Além disso, a influência do feminismo na academia ainda não se fizera sentir no início da década de 1970, não obstante já assinalarmos a publicação do livro de Heleieth Saffioti, em 1969. O fato de o autor da pesquisa pertencer ao sexo masculino poderia também ser um indicativo de falta de sensibilidade em relação ao sexo feminino? Realmente, quando observamos a produção de pesquisas na área de gênero e migrações internacionais na década de 2000, notamos uma presença maior de mulheres como autoras paralelamente ao crescente número de trabalhos que abrangem essa temática. No entanto, a utilização da categoria "gênero" não implica que o pesquisador seja necessariamente do sexo feminino e, sim, que o seu emprego permita a correção desse viés.¹⁰⁰

⁹⁹ KOSMINSKY, 2004, p. 291.

¹⁰⁰ KOSMINSKY, 2004.

De modo semelhante à sociedade rural brasileira da época e, anteriormente, também no Brasil urbano, o namoro em Pedrinhas começava pelo olhar, seguido do noivado e do casamento. Além das diferenças dos padrões de namoro entre os imigrantes provenientes do centro-sul e aqueles originários do norte italiano, que gozavam de um pouco mais de liberdade podendo ir ao cinema desacompanhados, o dote da noiva era combinado com antecedência em ambos os grupos. A diferença em relação aos padrões brasileiros reside no fato de que "tudo o que constitui o dote da noiva é devidamente contabilizado e será descontado de sua herança quando surgir a oportunidade". Quanto à idade dos cônjuges, o autor aponta para uma possível alteração de padrão que poderia ser um resultado do processo de aculturação: o fato de os noivos serem da mesma idade ou de a noiva ter idade inferior à do noivo – condizente com os padrões

brasileiros –, enquanto, em algumas regiões da Itália, é costume “o homem casar com mulher mais velha, até 15 anos, do que ele [...] senão ele fica velho e ela fica moça, e é um perigo”, segundo um entrevistado.¹⁰¹

¹⁰¹ BORGES PEREIRA, 1974, p. 142.

¹⁰² Pode ser traduzido como “esposa e gado de sua aldeia”; além de essa expressão indicar que dá mais certo casar-se com mulher da mesma localidade, ela denota um sentido de propriedade daquele que tem a posse da mulher e do gado – retrato de uma sociedade patriarcal.

No item “Endogamia e patrilocalismo”, Borges Pereira afirma que *Móglie e buò dei paesi tuò*¹⁰² exprime “o padrão endogâmico da tradição familiar italiana, e que encontrou em Pedrinhas condições favoráveis de sobrevivência”. Assim, segundo o autor,

a tendência endogâmica se exterioriza, dentro de uma ordem prioritária em três níveis: no regional, no inter-regional e no nível nacional. No primeiro caso, a preferência de escolha recai sobre indivíduos do mesmo *paese* ou localidade, sobre indivíduos da mesma província, de províncias vizinhas e, por fim, da mesma região. No segundo caso, a escolha recai sobre indivíduos de regiões vizinhas, sendo nítida a preferência por uniões entre pessoas do centro e do sul. Finalmente, no terceiro caso, a endogamia se revela em preferir uniões dentro do grupo italiano tomado como um todo, a casamentos inter-étnicos.¹⁰³

¹⁰³ BORGES PEREIRA, 1974, p. 143.

Entre os casamentos inter-étnicos que ocorreram nesses 13 anos de convivência, constata-se que foram realizados mais casamentos entre italianos e brasileiras do que entre brasileiros e italianas. Isso pode ser explicado pelos seguintes fatores:

Ao lado das pressões da Igreja, contrárias às uniões inter-étnicas, sobretudo à união de italianas com brasileiros, há a destacar ainda mais duas ordens de fatores: uma, de natureza sócio-econômica, diz respeito ao baixo *status* do brasileiro na estrutura sócio-econômica da comunidade; outra, de natureza propriamente cultural, faz referência aos estereótipos negativos, aos padrões de residência ligados ao patrilocalismo e às exigências presas à transmissão da herança e à preservação do patrimônio familiar.¹⁰⁴

¹⁰⁴ BORGES PEREIRA, 1974, p. 144.

Esse trecho, possivelmente, mostra uma expectativa do autor em relação à miscigenação. Segundo Willems, essa expectativa é um dos componentes da cultura brasileira:

Entre nós mede-se, muitas vezes, a “assimilabilidade” de um grupo étnico pelo grau de miscigenação. Quem não casa com brasileiro é geralmente considerado “inassimilável”. Com efeito, pensar assim significa atrelar o carro adiante dos bois. A organização da família e os padrões de sexualidade pertencem, com toda a certeza, às esferas íntimas de qualquer criatura humana. É improvável que a assimilação se possa iniciar justamente por esta esfera à qual todas as sociedades

aplicam um sistema de controle destinado, a um tempo, a evitar desajustamentos internos e penetração externa. Todas as sociedades conhecidas cercam as questões ligadas à aproximação e associação dos sexos, ao matrimônio e à criação dos filhos, com cuidados inúmeros e, não raro, extraordinariamente complicados. Contatos entre grupos culturalmente diferentes precisam ser demorados e íntimos para que se chegue a uma compreensão mútua das concepções atinentes ao sexo, ao matrimônio e à família. E nem sempre a compreensão recíproca facilita a fusão. Ao contrário, as diferenças culturais verificadas podem distanciar mais ainda os grupos em contato, pois estes percebem que a miscigenação lhes desorganizaria o setor mais resguardado de sua cultura.¹⁰⁵

¹⁰⁵ WILLEMS, 1980, p. 322-323.

“Gênero” como categoria central e a construção de uma etnografia feminista

Como *etnografia feminista* (grifo nosso) entendemos aqui o compartilhar de determinadas considerações epistemológicas e de estratégias de pesquisa associadas às tradições do conhecimento feminista e do trabalho de campo antropológico. Isso inclui a convicção de que as abordagens quantitativas, positivistas das ciências sociais não permitem contextualizar os dados coletados ou lidar com a categoria “gênero” na pesquisa. A investigação etnográfica feminista baseia-se não somente nas observações de pesquisadores experientes, mas também nas perspectivas e nos entendimentos das ações dos sujeitos e nas suas crenças.¹⁰⁶

Segundo Burawoy, na pesquisa social de caráter interdisciplinar, que congrega a sociologia, a antropologia, a ciência política, a história e a economia,¹⁰⁷ a técnica da observação participante ou a chamada *arte da etnografia* (grifo nosso) é a mais indicada. Ela se diferencia das demais técnicas por possibilitar o estudo das pessoas no seu próprio tempo e espaço, nas suas vidas diárias. A vantagem dessa técnica está em permitir a observação direta não apenas de como as pessoas atuam, mas também de como elas entendem e experimentam esses atos. Ela nos possibilita sobrepor o que as pessoas dizem com o que elas realmente fazem.¹⁰⁸

Ao falar como etnógrafo, Burawoy expressa uma preocupação pertinente às ciências sociais: construir uma interação social entre o observador e o participante, baseada no diálogo e, ao mesmo tempo, preservar o que nós chamamos de objetividade relativa, isto é, o observador mantém-se de fora, não se confundindo com o participante, de modo a ser capaz de construir uma

¹⁰⁶ MAHLER e PESSAR, 2006, p. 30.

¹⁰⁷ Concordamos com a perspectiva da pesquisa interdisciplinar proposta por Alejandro Portes, e vamos ainda mais longe aceitando a idéia da unificação da ciência social, formulada por Immanuel Wallerstein (cf. PORTES, 2002). Acrescentamos a antropologia à colocação original de Wallerstein de uma única ciência social, sem barreiras, que congrega a sociologia, a ciência política, a história e a economia, por concordamos com Maria Isaura Pereira de Queiroz que, criticando o afastamento da sociologia em relação à antropologia, em São Paulo, afirma que a especialização conduz ao “empobrecimento dos trabalhos resultantes” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p. 403).

¹⁰⁸ Como o próprio Burawoy reconhece, essa técnica não se aplica à pesquisa com documentos, à pesquisa de *survey*, demográfica e experimental (cf. BURAWOY, 1991, p. 2). As citações do autor foram traduzidas livremente.

explicação científica que tenha validade. Desse modo, o observador dialoga com o participante e, ao mesmo tempo, com a comunidade acadêmica.

A perspectiva feminista do/a observador/a transparece na sua crescente sensibilidade em centralizar “gênero” como um elemento hierarquizador que estratifica todos os momentos do processo migratório para todos aqueles envolvidos, homens e mulheres, bem como os seus filhos e filhas.

A teoria da aculturação utilizada por João Baptista Borges Pereira na sua pesquisa sobre a imigração de italianos para Pedrinhas, pela sua própria proposta e pelo método etnográfico empregado, possibilita ao/à leitor/a o acesso a informações sobre o estilo de vida dos imigrantes, o seu trabalho, a família, as relações entre os sexos, os contatos com brasileiros e assim por diante. Essa riqueza de informações tende a contrastar com aquelas pesquisas atomizadas que focalizam um único aspecto, um determinado problema, tais como, por exemplo, estudos sobre as remessas de dinheiro que os imigrantes mandam para os seus familiares ou estudos sobre uma determinada festividade promovida por um grupo de imigrantes. Com isso, não queremos afirmar que somos inteiramente favoráveis à teoria da aculturação¹⁰⁹ e, sim, queremos assinalar a riqueza de informações advindas do emprego dessa teoria aliada ao método etnográfico.

Conforme já comentamos, a obra *Italianos no mundo rural paulista*, pela própria disposição do conteúdo em itens e pelo tratamento dado à análise das informações, demonstra a perspectiva masculina do pesquisador. Todavia, a descrição das relações assimétricas entre os sexos e do poder autoritário do chefe da família permite compor um quadro das relações familiares, das relações de trabalho e dos rituais que conduzem ao casamento. No entanto, “gênero” não pode ser confundido com a variável dicotômica “sexo”; “gênero” contém significados evidentes em relações que não são estáticas e nem têm significado universal. “Gênero” é o significado que as pessoas dão à realidade biológica de que existem dois sexos. É uma invenção humana que organiza o nosso comportamento e pensamento, não como um conjunto de estruturas estáticas ou papéis, mas como um processo contínuo. As pessoas fazem o “gênero” trabalhar (*gender work*), através de práticas e discursos; elas negociam relacionamentos e interesses em conflito. Conceitualizar “gênero” como um processo significa produzir uma perspectiva mais orientada para a praxis, na qual as identidades de gênero, as relações e as ideologias são fluidas e não fixas.¹¹⁰

¹⁰⁹ Entre as críticas à teoria da aculturação, podemos apontar para a pouca atenção concedida às relações de poder entre os grupos que estão em contato.

¹¹⁰ MAHLER e PESSAR, 2006, p. 29-31.

“Gênero” é um fator fundamental que organiza a vida social, e tem atuado desde o início da existência humana: um fato que não pode ser afirmado para a maioria das outras forças sociais estratificadoras, tais como “classe social” e “raça”. Contudo, “gênero” não pode ser visto e analisado de forma isolada. Mais do que isso, “gênero” é dinâmico e se articula com outros eixos de diferenciação (“classe social”, “raça”, “etnia”, “geração”, “orientação sexual”), levando-se em consideração que todas essas diferenciações sociais compreendem estruturas de poder.¹¹¹ Essas forças são construções sociais e, portanto, não são naturais, categorias inatas ou características. A pesquisa etnográfica feminista permite ver o gênero operando em diferentes aspectos da migração.¹¹²

¹¹¹ Barrie THORNE, 1992.

¹¹² MAHLER e PESSAR, 2006, p. 29.

À guisa de conclusão: retomar a leitura da obra *Italianos no mundo rural paulista* com os olhos de hoje, dentro da perspectiva dos estudos de gênero, significa apontar a contribuição das pesquisas baseadas na teoria da aculturação e a sua permanência ao longo do tempo, no sentido de fonte de informações e de conhecimento para os estudos migratórios atuais.

Referências bibliográficas

- ALVIM, Zuleica M. F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ASSIS, Gláucia de O. “De Criciúma para o mundo” – os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares”. In: MARTES, Ana C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230.
- BARNETT, Homer G., BROOM, Leonard, SIEGEL, Bernard, VOGT, Evan, and WATSON, James. “Acculturation: An Exploratory Formulation.” *American Anthropologist*, New Series, v. 56, n. 6, Part 1, Dec. 1954. p. 973-1000.
- BERQUÓ, Elza. “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica”. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lília Moritz (Orgs.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4, p. 412-437.
- BLAY, Eva. *As prefeitas*. Rio de Janeiro: Avenir, 1981.
- BORGES PEREIRA, João Baptista. *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BURAWOY, Michael (Org.). *Ethnography Unbound: Power and Resistance in the Modern Metropolis*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- CANDIDO, Antonio. “The Brazilian Family.” In: SMITH, T. Lynn, and MARCHANT, Alexander (eds.) *Brazil: Portrait of Half a Continent*. New York: Dryden, 1951. p. 291-312.

- COELHO, Ruy. "Prefácio". In: BORGES PEREIRA, João Baptista. *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira, 1974. p. XV-XVIII.
- DeBIAGGI, Sylvia Dantas. "Famílias brasileiras em um novo contexto cultural". In: MARTES, Ana C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 175-197.
- EWEN, Elizabeth. *Immigrant Women in the Land of Dollars: Life and Culture on the Lower East Side, 1890-1925*. New York, Monthly Review Press, 1985.
- GOLD, Steven. "Gender and Social Capital among Israeli Immigrants in Los Angeles." *Díáspora*, Havana, v. 4, n. 3, 1995. p. 267-301.
- KLEIN, Herbert. "A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos." *Novos Estudos CEBRAP* n. 25, p. 95-117, out. 1989.
- KOSMINSKY, Ethel. "Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York". *Cadernos Pagu*, n. 23, p. 279-328, jul./dez. 2004.
- LERNER, Kátia. *Fragmentos do passado: histórias de vida de mulheres imigrantes judias*. 1996. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MAHLER, Sarah J.; and PESSAR, Patricia R. "Gender Matters: Ethno-graphers Bring Gender from the Periphery toward the Core of Migration Studies." *International Migration Review*, v. 40, Spring 2006. p. 27-63.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. "Desenvolvimento das ciências sociais no Brasil: nascimento e expansão". *Ciência & Trópico*, Recife, v. 20, n. 2, p. 387-412, jul./dez. 1992.
- _____. *Variações sobre a técnica do uso de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU; FFLCH/USP, 1983.
- PESSAR, Patricia. "The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal." In: HIRSCHMAN, Charles, KASINITZ, Philip, and DEWIND, Joshua (eds.). *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York: Russel Sage Foundation, 1999. p. 53-70.
- PORTES, Alejandro. "Sociology in the Hemisphere: Convergences and a New Conceptual Agenda." *LASA Forum*, v. XXXIII, n. 1, 2002. p. 6-7.
- REDFIELD, Robert, LINTON, Ralph, and HERSKOVITS, Melville J. "A Memorandum for the Study of Acculturation." *American Anthropologist*, New Series, v. 38, n. 1, Jan./Mar. 1936. p. 149-152.

- SAFFIOTI, Helleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.
- SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1993.
- SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena*. São Paulo: Pioneira Editora da USP, 1969.
- THOMAS, William, and ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*. [Publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920.] [Posteriormente a obra foi publicada em dois volumes em New York: Alfred A. Knopf, 1927. E novamente em New York: Dover Publications, 1958.]
- THORNE, Barrie. "Feminism and the Family: Two Decades of Thought." In: THORNE, Barrie, and YALOM, Marilyn (ed.). *Rethinking the Family. Some Feminist Questions*. Boston: Northeastern University Press, 1992. p. 3-30.
- WEINBERG, Sidney. *The World of our Mothers: The Lives of Jewish Immigrant Women*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988.
- WILLEMS, Emilio. *Uma vila brasileira: tradição e mudança*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. [Originalmente publicado com o seguinte título, *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Directoria de Publicidade Agrícola, 1947].
- _____. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980 [1940].
- ZANINI, Maria Catarina C. "Nós e as 'antigas' - italianidade, gênero e família". In: WOLFF, Cristina S.; FAVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia R. O. (Orgs.). *Anais - Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos*. Florianópolis: UFSC; UDESC; Editora Mulheres, 2006. 1 CD-ROM.
- ZARETSKY, Eli (ed.). *The Polish Peasant in Europe and America: A Classic Work in Immigration History*. Urbana: University of Illinois Press, 1996. [Coletânea de trechos selecionados da obra *The Polish Peasant in Europe and América*, da autoria de William I. Thomas e Florian Znaniecki.]

[Recebido em julho de 2007
e aceito para publicação em outubro de 2007]

Feminist Ethnography on International Migration: From Acculturation Studies to Gender Studies

Abstract: *This article intends to analyze the book Italianos no mundo rural paulista, by João Baptista Borges Pereira (1974), one of the earliest Brazilian ethnographic international migration researches, based on the acculturation theory, in order to corroborate its contribution to the feminist ethnography. We focus on the use of gender as a central category on the international migration studies, thus empowering the Feminist Ethnography.*

Key Words: *Feminist Ethnography; Gender; Acculturation; International Migration.*